

Nosso confrade, ou em bom provençal, nosso *companh* José Miguel Wisnik costuma chamar nossa atenção para as virtudes mágico-simbólicas do número três. Quando alguma coisa sucede uma vez, observa ele, trata-se de um simples evento, um acontecimento original e simples. Mas se esse algo se repete, temos o acrescentamento de uma coincidência, que pode indicar *algo mais* ou não. Mas se a coisa se dá pela terceira vez, forma-se uma “estrutura de convicção” e esse terceiro evento (tal como a “melhor de três” das competições esportivas) dirime todas as dúvidas pelo seu poder de confirmação. Talvez essa característica da série de três (notada, aliás, pela própria Psicanálise) emane de profundidades arquetípicas: não é demais supor que o *prestígio* do três afinal se deva à presença tutelar da Trindade cristã nas tramas primordiais da nossa civilização. Mas não precisamos ir tão longe numa apresentação de revista literária: para nós, da *Teresa*, basta saber que este terceiro número teve o condão de confirmar algumas verdades. Verdades práticas, modestas, mas muito queridas por nós.

A primeira delas, que também é o fundamento da revista, é a confirmação da potencialidade sem fim da criatividade de todos, quando harmonizada por regras justas. Ou, em outras palavras, a confirmação de que a discussão *democrática* (e gostaríamos que o termo fosse tomado não no seu esgarçamento demagógico e sim na sua inteireza ética original) é um método insuperável para se realizar em conjunto, ao garantir a expressão (portanto a dignidade) de cada um. De fato, já se vão quase quatro anos que o nosso companheiro Luiz Roncari, então coordenador da pós-graduação da área de Literatura Brasileira, convocou uma reunião geral de professores e pós-graduandos para perguntar, em nome de um grupo “não pequeno” de docentes, como deveria ser aplicado o recurso disponível. Do tumulto de respostas desencontradas, uma regularidade acabou emergindo: uma revista, esta, que viria a ter nome de mulher, um nome que percorre a literatura e o cancionário brasileiros de Gregório de Matos a Jorge Benjor (quando não desce pelas janelas gradeadas dos presídios).

Com o passar do tempo, aprendemos (ou reaprendemos) que uma discussão “ampla e irrestrita” (que, na sua generosidade, traz sempre consigo a anistia instantânea das falhas e insuficiências que cada um ousa expor) é isto mesmo: um processo lento, penoso, representável pela dificuldade de se desatolar um carro de boi, mas que tem acelerações súbitas e (perdoem Manuel Bandeira e Davi Arrigucci Jr.) inesquecíveis *alumbramentos*. No caso de *Teresa*, ao se discutir seu projeto, mais uma vez, da algaravia de concepções

(percebemos aos poucos) começou a se cristalizar uma forma, caracterizada pela *busca de equilíbrios*: uma revista que fosse bela sem ser cosmética e com conteúdo sem ser maçante. Nem grande, nem pequena. Equilíbrio entre espaço em branco, ilustrações e texto. Entre textos de criação e de crítica, entre participação local e externa. A acumulação de tantos equilíbrios gerais fatalmente trouxe consigo uma dúvida: não estaríamos imaginando um “esperanto hipotético que não existe?”

Seguimos em frente, para o detalhamento do projeto em seções, contando com a ágil experiência editorial de Augusto Massi e o respaldo da Editora 34. Nos meses que se seguiram, o corpo de *Teresa* foi tomando forma, com a mesma busca de equilíbrio sempre aflorando. Nos textos de criação, ponderação entre contos e poemas, espalhados ao longo da revista. Na crítica, a par da “Página Aberta”, fazendo jus ao maior fôlego de alguém, uma seção de “Ensaio” e outra de “Resenhas”, respectivamente para textos “mais longos” e “mais curtos”, pensados (importante!) como *textos de mesma profundidade*. Por fim, uma série de ilustrações percorrendo organicamente todo o corpo da revista. Um tanto espantados, quase um ano depois e vestida com o projeto gráfico de Elaine Ramos, vimos *Teresa* pela primeira vez. Era como “o que tínhamos sonhado”. E esse entusiasmo de ter *realizado* nos garantiu fôlego para o segundo número. O qual, como *quase* seria de se esperar, foi feito sob o signo da “provação” de inúmeras dificuldades inesperadas.

Agora, após as facilidades primaveris da primeira e as durezas inverniais da segunda, que a terceira *Teresa* caminhe, graciosa e bronzeada (como a “da Praia”) ao sol de verão. Acima, nos referimos a esse número três como momento de confirmação. Que sirva como exemplo a seção “Documento”. Inicialmente pensada com o nome de “Baú” e, centrando-se a cada número num escritor, pretendia publicar inéditos e dispersos, em particular artigos críticos valiosos mas inacessíveis pelo tempo. Depois, percebeu-se não haver nenhuma razão para que esse “resgate” não dialogasse com produções contemporâneas, e o “Baú” deixou de ser uma caixa de preciosidades para se tornar um dossiê, um conjunto de materiais distintos e relacionados à disposição dos interessados. Embora à primeira vista não pareça, é uma seção “difícil”, porque visa a combinar inéditos valiosos com fortuna crítica de qualidade. O primeiro “tema” foi Mário de Andrade; o segundo escolhido foi Graciliano Ramos. Dois autores que, notoriamente, têm sido objeto de focalização privilegiada pela crítica contemporânea. Após essas experiências, constatamos que o “dossiê” (a seção “Documento”) tinha se tornado a espinha dorsal da revista. Conscientes da sua im-

portância, decidimos testar a nossa concepção no terceiro número elegendo uma tarefa mais desafiante: Jorge de Lima, um escritor de igual importância mas menos focalizado. A aposta que fazemos é a de que, qualquer que seja o autor escolhido, sempre será possível compor um conjunto temático relevante. Essa convicção se baseia numa constatação: embora não seja evidente e altissonante, para nós está claro que, pelo menos nas últimas duas décadas, a crítica literária brasileira avançou e se irradiou com grande vigor simultaneamente a partir dos vários centros culturais do país, refinando e combinando métodos, testando e ousando interdisciplinaridades, variando com grande imaginação caminhos e pontos de vista e resgatando com habilidade novos “materiais do passado”.

Ao compormos seu dossiê, a busca por contemplar as diversas faces de Jorge de Lima com materiais inéditos, raros ou de difícil acesso levou-nos a descobertas no mínimo surpreendentes. Os bastidores da concepção das ilustrações de *Poemas negros*, realizadas por Lasar Segall, vêm a público pela primeira vez: as cartas trocadas pelo pintor e pelo poeta para discutir o assunto, bem como estudos dos desenhos realizados por Segall, dos quais escolhemos dois. A recepção da obra do poeta entre os hispano-americanos documentada nas cartas do argentino Pedro Juan Vignale e do uruguaio Ildefonso Pereda Valdés, publicadas no *Jornal de Alagoas* em 1927, mesmo ano em que foram publicadas as obras apreciadas, o que revela a rapidez vanguardista nas comunicações e lança luzes sobre diálogos literários ainda pouco explorados.

Quatro textos inéditos em livro dão conta da diversidade de interesses do escritor: o poema “Precisa-se”, uma crônica sobre o frevo pernambucano tão empolgante quanto a dança contemplada (“Os passos do frevo”) e dois ensaios dos anos 40 que tratam de grandes escritores. Euclides da Cunha, cuja obra-mestra centenária foi recentemente comemorada, tem sua fortuna crítica enriquecida com o texto “À margem de Euclides”, enquanto o amigo e parceiro Murilo Mendes converte-se em tema de “Nota sobre poesia”. Cláudio Giordano cedeu-nos gentilmente duas raridades bibliográficas: *História da terra e da humanidade para escolares*, que ele mesmo apresenta aos leitores, e *Aventuras de Malasarte*, que além de nos revelar o Jorge de Lima tradutor ainda nos brinda com um interessante prefácio (aqui reproduzido), publicado originalmente na imprensa nos anos 30 sob o título “Bobos e poetas”.

Especialistas dedicaram-se a novas leituras do artista alagoano: as pontes entre poesia e artes plásticas no universo do poeta-pintor são construídas por Gênese Andra-

de. O aspecto narrativo em *Invenção de Orfeu* é abordado por Fábio de Souza Andrade. O estudo do elemento religioso na ficção limiana ganhou um ensaio de fôlego de William Roberto Cereja. E a amizade entre Jorge de Lima e Mário de Andrade é-nos revelada por Marcos Antônio de Moraes com um *puzzle* de cartas, dedicatórias e outros textos, pura surpresa e deleite. Trazemos ainda uma amostra das imagens de sua lavra: desenhos, pinturas, fotomontagens, cuja riqueza comprova sua multiplicidade de poeta-inventor ou eterno menino impossível.

A seção “Página aberta” comparece trazendo o ensaio de Alcides Villaça, *Drummond: primeira poesia*, uma oportuna homenagem ao centenário do poeta. *Teresa* ainda é enriquecida pela diversidade de outros ensaios: o de Fernando Mesquita (Monteiro Lobato), o de César Mota (Manuel Bandeira), o de Marcos Falleiros (Graciliano Ramos) e o de Luís Bueno (o romance de 30). As outras seções trazem as resenhas de Zenir C. Reis, Ovídio Poli Jr. e Júlio Castañon, além dos contos de Aleilton Fonseca e Jorge Marinho, e os poemas de José Mucinho e Priscila Figueiredo. E mais o diálogo com as ilustrações de Luiz Bagolin.

Resta falar sobre o “tempo especial” da feitura deste número. A terceira *Teresa* foi gerada ao longo de 2002, o *mirabilis* ano em cujo outubro o povo brasileiro escolheu um ousado caminho de aprofundamento democrático. Mas, para nós, antes dessa escolha, no nosso em torno, foi um ano de reafirmação da importância vital da escola pública, gratuita e de qualidade. Foi um ano de resistência e luta, de uma tensa e longa greve de 108 dias na qual alunos, professores e funcionários da FFLCH se mobilizaram em defesa dos valores do ensino público. Alguns de nós participaram diretamente desse embate e todos lhe fomos solidários.

Disse alguém que *Teresa* é um “laboratório literário”. Sem negar a importância dos laboratórios, gostaríamos de substituir essa metáfora, instalada num espaço segregado e plena de ressonâncias técnico-científicas, por outra, porosa, associada ao prazer dos “estados criativos”. Para nós, *Teresa* é uma varanda. Reunimo-nos em geral no fim do dia, na sala 265. São reuniões espartanas em torno de uma grande mesa marrom polida de uso, sempre tumultuadas, com gente chegando em atraso por compromissos e gente saindo antes, mas é como se estivéssemos numa varanda, face ao tempo sereno de um cair de tarde, entre avencas, café, bolinhos, frutas e passarinhos, conversando sobre a maravilha profunda da vida que brota de escrever. E, sabemos, essa varanda — e tantas outras — não mais existirão se o ensino universitário se transformar num *negotium*.